CHRISTIAN GEFFRAY (1954-2001)

PHILIPPE LENA
Institut de Recherche pour le Développement (IRD)

O súbito desaparecimento do antropólogo Christian Geffray, no dia 9 de março de 2001, interrompeu não só o desenvolvimento de um pensamento original nas ciências sociais, como também uma obra, no sentido nobre da palavra. Com efeito, apesar da diversidade dos lugares (Portugal, Moçambique, Brasil) e dos temas (parentesco, violência, paternalismo, narcotráfico) abordados nas suas pesquisas, seu trabalho mostra uma coerência teórica e um aprofundamento constante do questionamento, característicos de um pensamento exigente e inovador. Durante a breve carreira, conseguiu imprimir sua marca nos debates das ciências sociais e abrir caminhos que já provocaram muitas discussões e, certamente, se revelarão bastante profícuos no futuro. As duas principais características do seu percurso intelectual são, por um lado, a tentativa de aproximação da antropologia e da psicanálise, constantemente retomada e aprofundada, e, por outro, a escolha de campos de pesquisa arriscados e violentos. C. Geffray pensava que essas configurações extremas revelavam aspectos da dimensão social que passavam despercebidos nas situações habituais.

O constante diálogo entre a psicanálise e a antropologia levou C. Geffray a introduzir na explicação da vida social categorias até então pouco utilizadas, tais como a morte, o amor, o ódio, a identificação (e não a identidade), a fé e sobretudo a palavra, cuja circulação funda todos os valores, e à qual dedicou seus últimos trabalhos. O livro publicado poucos dias antes da sua morte resume no subtítulo[1] o projeto, agora totalmente assumido, de criação de uma antropologia analítica.

---

1. *Trésors*: anthropologie analytique de la valeur (Paris: Arcanes, 2001).

Anuário Antropológico/2000-2001
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003: 349-357

Estudante politicamente engajado, formado em filosofia, influenciado pela leitura de Marx, Hegel, Freud e Lacan, C. Geffray dedicou sua dissertação de Mestrado (1978) ao estudo da leitura materialista que Lenin faz de Hegel. Algumas viagens para a África, em particular a Moçambique, despertaram seu interesse pela antropologia e pelo contexto político pós-colonial. Considerava então que a filosofia lhe havia dado as ferramentas para pensar, mas não para explicar a realidade. A leitura do livro de Claude Meillassoux *Femmes, greniers et capitaux* e, por intermédio deste, a descoberta da antropologia econômica, foi decisiva para a reorientação da sua trajetória. Viu nessa abordagem a possibilidade de eliminar as naturalizações essencialistas veiculadas pelo culturalismo e construir um verdadeiro discurso científico sobre a vida social.[2] Entusiasmado com essa possibilidade, contatou Cl. Meillassoux manifestando, de imediato, seu desejo de trabalhar com ele. Apesar de algumas desavenças teóricas, a amizade que nasceu naquele dia perdurou até o fim da sua vida.

Sua simpatia pela ideologia progressista proclamada pelo movimento de liberação moçambicano o levou a trabalhar e a pesquisar naquele país. Foi contratado em 1982 como pesquisador pela Universidade Eduardo Mondlane e iniciou um longo trabalho de campo entre as populações *makhuwa*. Esse estudo clássico de antropologia econômica, que serviu de base para sua tese de doutoramento da École des Hautes Études en Sciences Sociales,[3] pôs em evidência um fato que lhe chamara a atenção: existia uma conformidade entre os grupos sociais que ele identificou, nas linhagens, ao analisar os ciclos de produção e reprodução e os termos de parentesco *makhuwa*. Assim, podia se inferir que esses termos não designavam "parentes" *stricto sensu*, mas sim grupos sociais que ocupavam uma posição definida no processo produtivo e reprodutivo. Tornava-se possível traduzir esses termos em francês sem "contaminá-los" pela noção de consangüinidade que fundamenta a terminologia de parentesco ocidental, o que teria levado a mascarar a dinâmica social concreta. Essa "descoberta" está na origem de uma reflexão crítica sobre o estatuto do objeto "parentesco" na teoria antropológica.[4] De acordo com C. Geffray, os termos de parentesco utilizados

---

2. Porém, nunca aderiu ao determinismo mecanicista das relações sociais pela infra-estrutura material; sempre defendeu a autonomia relativa da causalidade social.
3. *Travail et symbole dans la société des Makhuwa*, orientada por G. Balandier, Paris, 1987.
4. Essa crítica será sintetizada em Geffray, 1990a.

pela antropologia, na sua tentativa de traduzir as categorias nativas, não são neutros; carregam a ideologia da consangüinidade e falham na reconstituição da realidade social própria das sociedades estudadas.

Seu conhecimento do universo *makhuwa* gerou um convite do Ministério da Agricultura para que realizasse, em colaboração com um agro-economista (Mögens Pedersen) um estudo sobre as conseqüências das políticas de desenvolvimento rural, de inspiração socialista, desenvolvidas pelo governo. No seu relatório, C. Geffray mostra os aspectos negativos dessa política, que ele responsabiliza pela adesão de grandes parcelas da população rural à guerrilha. Esse estudo, realizado num contexto político problemático, representa a primeira afirmação clara do seu distanciamento crítico e da sua procura pela "verdade". Não de maneira simplista, mas como referencial simbólico inevitável de qualquer discurso que pretenda se fundamentar na razão. Contra alguns dos seus amigos políticos, mas também contra as representações idealizadas das populações locais, firmou nesse relatório uma postura ética que nunca abandonou e que está na origem de várias polêmicas em torno do seu trabalho.

Depois de defender sua tese, C. Geffray volta a fazer pesquisa de campo em Moçambique em 1988. Dessa vez, o objeto é a própria guerra civil, uma vez que as populações *makhuwa* estavam divididas entre partidários do governo (*Frelimo*) e adeptos da guerrilha (*Renamo*). Os contatos que ele havia estabelecido anteriormente facilitaram sua penetração dos dois lados da linha de frente e tornaram possível a realização da primeira antropologia "ao vivo" de uma guerra civil particularmente sangrenta. Ele mostra como e por que as populações *makhuwa* (bem como outras etnias do país) entram em guerra, analisa o funcionamento do corpo social armado dos dois lados, assim como as formas de recrutamento e de subsistência, observa as relações com as populações locais que pretendem controlar e o papel crucial da juventude nesse conflito. Os resultados dessa pesquisa formarão a base do livro *La cause des armes au Mozambique*, publicado em 1990.[5] Nele, C. Geffray refuta a tese governamental que tentava reduzir a guerrilha a uma simples criação do "imperialismo", sem nenhuma base social. Mostra, ao contrário, que a entrada das populações rurais na guerrilha (apesar da

---

5. O livro foi traduzido em português e publicado em 1991: *A causa das armas. Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique* (Porto: Afrontamento).

violência extrema, do uso do terror e da ausência de um verdadeiro projeto político) corresponde a um forte ressentimento contra um governo que lhes nega a identidade específica. Critica também o papel dos intelectuais (moçambicanos e estrangeiros simpatizantes) que contribuem para a ocultação da realidade social por conformidade com o discurso dominante, no lugar de revelar essa realidade de acordo com as exigências da sua deontologia profissional. O livro, bem como os artigos escritos sobre o mesmo assunto, gerou polêmica, mas abriu um amplo espaço de debates até então inexistente. Foi também, para C. Geffray, a oportunidade de refletir sobre a abordagem dos conflitos e da violência no âmbito da antropologia, tanto do ponto de vista metodológico, quanto ético. Uma questão que se tornaria central para suas futuras pesquisas.

Em 1988, C. Geffray faz o concurso para ser pesquisador do IRD,[6] onde, num primeiro momento, conclui seus trabalhos sobre Moçambique. Em 1989, realiza a primeira viagem ao Brasil, para conhecer, em Belém do Pará, os trabalhos desenvolvidos conjuntamente por uma equipe do IRD e uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)[7] sobre as conseqüências da expansão da fronteira na Amazônia. C. Geffray permanecerá no Brasil de 1990 até 1993, realizando suas pesquisas no âmbito desse programa. As questões e os objetos científicos escolhidos vão contribuir para o aprofundamento da sua reflexão sobre a reprodução das sociedades domésticas, as formas de dominação e as identificações coletivas na sua relação com o uso da violência.

O primeiro aspecto da realidade amazônica que lhe chama a atenção é a prática do aviamento e a forma peculiar de dominação que ela exprime. Para entender esse fenômeno, C. Geffray procurou os lugares onde o aviamento ainda permanecia, senão na sua forma "pura", histórica, ao menos com traços ainda bem reconhecíveis. Efetuou uma viagem ao oeste do Acre (rio *Envira*) onde permaneceu algum tempo entre os seringueiros. Foi durante essa estadia que começou a indagar e a teorizar sobre a questão que ele mesmo formulou de maneira provocante: "por que, apesar de uma feroz exploração, os dominados amam seus patrões?" Num primeiro artigo, C. Geffray faz uma nova leitura da relação entre patrões e "clientes" lançando

6. Institut Français de Recherche pour le Développement – Paris, França.

7. Convênio bilateral de cooperação científica CNPq/IRD.

as bases do que ele mesmo chamou de "modelo de exploração paternalista" Geffray (1992). A seguir, realizou uma pesquisa entre os *Uru Eu Wau Wau* de Rondônia, submetidos à invasão das suas terras por colonos, fazendeiros e madeireiros, e permaneceu entre os garimpeiros de Roraima que estavam dentro do território Yanomami (em confronto com eles). Por fim, realizou uma pesquisa no sul do Pará entre os pequenos colonos e empregados de fazendas. Para essa última pesquisa, examinou, com base em testemunhos e processos judiciais, casos extremos de "escravidão" em que patrões eliminavam fisicamente empregados, contrariando aparentemente qualquer lógica econômica. C. Geffray procurou entender o que havia em comum nas diferentes situações de dominação, na Amazônia, envolvendo produtores e patrões.

Para caracterizar a exploração paternalista e diferenciá-la da exploração capitalista, recorreu às categorias lacanianas (simbólico, imaginário e real) e mostrou que as "ficções" mobilizadas nos dois casos eram diferentes. O paternalista procura controlar rigorosamente o acesso ao mercado, mantendo seus clientes e "obrigados" sob sua total dependência quanto a aquisição dos bens manufaturados, cujo preço ele fixa arbitrariamente. O capitalista controla os meios de produção e os preços dos produtos são comparáveis e submetidos à lógica da concorrência, no mercado amplo. O paternalista se vale da equivalência (fictícia) entre os bens trocados, e a dívida aparece como conseqüência de uma inversão imaginária.

O valor dos bens "vendidos" pelo patrão é percebido como maior que o produto do sobretrabalho. O patrão é visto como provedor e re-distribuidor e o próprio "cliente" se percebe então como eterno devedor, levado a supervalorizar qualquer adiantamento ou presente, e a desvalorizar suas eventuais contrapartidas. A assimetria da relação é freqüentemente institucionalizada e amenizada por laços simbólicos de parentesco (apadrinhamento). Não existe dissociação entre a Lei e o dominante, pois esse último é o único fiador da própria palavra. Tal situação parece gerar, em vários lugares e épocas, o recurso à metáfora paternal para dar sentido à dominação. O dominante deve suscitar o *amor* do dominado, com os possíveis desvios em direção à violência extrema, na ausência de distinção entre a Lei e o dominante. No capitalismo, o trabalhador é formalmente proprietário da sua força de trabalho, a Lei é formalmente distinta da pessoa do dominante e a figura jurídica do contrato implica atores formalmente iguais, com importantes conseqüências sociais e políticas. Não convém aprofundar aqui os

detalhes da demonstração feita por C. Geffray.[8] Porém, é importante assinalar que, para ele, a influência das estruturas evidenciadas não se limita a casos marginais situados nos confins da Amazônia. A tendência a reconstituir relações assimétricas, baseadas no controle do acesso a diferentes formas de bens parece generalizada, até mesmo entre colonos supostamente iguais. Essa constatação leva C. Geffray a aprofundar sua reflexão sobre o clientelismo e a estrutura populista do Estado. Suas observações de campo e as análises mais abrangentes estão reunidas no livro *Chroniques de la servitude en Amazonie brésilienne* (Geffray, 1995).

A partir de 1994, suas reflexões sobre a monopolização da circulação de bens e sua redistribuição personalizada[9] o levam a se interessar pela corrupção e pela geração ilícita de renda. Durante suas pesquisas na Amazônia, ele pôde medir os importantes efeitos políticos, econômicos e sociais do comércio da cocaína. As pesquisas de campo propriamente ditas foram realizadas nos estados de Mato Grosso e Rondônia entre 1995 e 1998, mas C. Geffray trabalhou sobre esse tema praticamente até o fim da vida. A partir de 1997, em colaboração com M. Schiray e G. Fabre, coordena um projeto internacional[10] sobre as transformações econômicas e sociais ligadas ao problema das drogas.[11] Como as pesquisas receberam o aval da Polícia Federal e do Poder Judiciário, foi possível consultar os arquivos dos processos julgados, entrevistar detentos, juízes, advogados e policiais. No decorrer da pesquisa, é levado a entrevistar funcionários de bancos, padres e pastores,

8. Uma boa síntese pode ser encontrada em Geffray, 1996.

9. Chega a utilizar o termo de " maná" para caracterizar a forma como esses bens (mercadorias, financiamentos, dádivas) são percebidos pelas pessoas beneficiadas, o que inclui projetos de desenvolvimento públicos, ações de ONGs e de igrejas, sem que haja obrigatoriamente um projeto de perpetuação de relações de dominação. Porém, a existência dessa disposição estrutural constitui um terreno fértil para tal dominação.

10. Projeto MOST, apoiado pela UNESCO e o PNUCID (Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional das Drogas). Três conferências internacionais foram organizadas, nos países participantes (Brasil, China, Índia e México), durante a vigência do Projeto.

11. Relatório final publicado em 2002: *Globalization, Drugs and Criminalisation: Researchs from Brazil, Mexico, India and China in an International Perspective* (Paris and Vienna, 3 v. 800p.). Uma síntese foi publicada pela UNESCO em 2001 (vários idiomas): Le trafic international des drogues: dimensions économiques et sociales, *Revue Internationale des Sciences Sociales*, n. 169, Paris, Unesco-Érès; Drug trafficking: economic and social dimensions, *International Revue of Social Sciences*, London, Blackwell Publishers.

políticos e sindicalistas, entre outros, constituindo pouco a pouco sua própria rede de "informantes". C. Geffray se interessou pela organização interna do tráfico, mas também pela articulação do comércio da cocaína com outros setores da economia ilegal (contrabando, roubo de caminhões e carros, etc.) e legal (mercado imobiliário, exploração madeireira, comercialização de safras agrícolas, etc.). Em vários momentos da pesquisa, deparou-se com os mesmos dominantes estudados anteriormente, isto é, patrões de clientela que tiveram sua base econômica transformada e foram "forçados" a investir no comércio ilegal para manter suas carreiras políticas e seus meios de vida. Ele recupera nesse processo sua preocupação recorrente: a questão do amor e do ódio na vida social, isto é, a fé, a palavra e a morte. A constituição de redes sociais ilegais (que escapam a qualquer contrato) e a sujeição dos seus membros mobilizam novamente o recurso a essas categorias. O considerável poder de corrupção representado pela economia ilícita a torna capaz de subverter as instituições, fazendo com que trabalhem a serviço de interesses particulares. Esse aspecto despertou o interesse de C. Geffray que construiu uma reflexão sobre a Lei, as Instituições e o Estado em vários estudos recentes,[12] incluindo a questão do nascimento e da morte das instituições. Essa pesquisa difícil e potencialmente perigosa suscitou da parte de C. Geffray muitas reflexões metodológicas e deontológicas. Acima de tudo lamentava que as ciências sociais deixassem de lado boa parte do campo social representada por esses temas como o crime, a guerra e a droga, entre outros.

Ao longo da sua trajetória científica, C. Geffray havia notado uma convergência crescente entre suas descrições e análises e certas categorias e formas de raciocínio próprias da psicanálise. Descobrir o significado e o alcance heurístico dessa congruência passou a representar um desafio pessoal, já que ele estava totalmente consciente de que tentativas anteriores de aproximação entre ciências sociais e psicanálise não haviam sido muito felizes. A tentativa de C. Geffray não tem nenhuma relação com o estudo de mitos e cosmologias, representações e religião, isto é a dimensão cultural de onde poderíamos esperar o surgimento de conexões com a psicanálise (G. Roheim, G. Devereux e outros). Sua releitura de Freud[13] e Lacan é motivada pela

12. Ver, entre outros, Geffray, 2000.

13. Christian Geffray tira a maior parte da sua inspiração do artigo de Freud "Psychologie des masses et analyse du Moi", reservando suas críticas para "Totem et Tabou".

ausência, na sociologia clássica (incluindo P. Bourdieu), das questões (como amor, ódio, palavra, morte...) que ele considera fundamentais para entender as bases de uma ordem social. Em contrapartida, essas questões são rigorosamente consideradas no registro analítico, em particular por meio da categoria de identificação, que ele considera como a ponte entre ciências sociais e psicanálise. Em momento algum C. Geffray se interessa pela vida psíquica *per se*, já que o foco da sua análise é a vida social. Retoma e completa o esquema freudiano das identificações (introduzindo as categorias lacanianas de real, imaginário e simbólico): a) primárias – identificação ao pai (responsável pela diferenciação do Ego a partir do Id); b) secundárias – identificação aos ideais veiculados pelo pai (que permite a diferenciação do ideal do Ego a partir do Ego) e c) terciárias – identificação à imagem do líder que permite a identificação entre os "Ego". Nesse esquema, os "Nós" que constituem o subproduto da terceira etapa são análogos ao Ego na vida individual. Essa terceira etapa é o que chamamos de laço social e é ela que C. Geffray analisa de maneira detalhada no seu quarto livro *Le nom du Maître* (Geffray, 1997), retomando e aprofundando na ocasião o material das suas diversas pesquisas de campo na África e no Brasil.

Seu último livro (*Trésors*), que se situa sob muitos aspectos na linha de pensamento estruturalista, e no qual ele "procura invariantes nas estruturas discursivas universais e a-históricas", deve mais a Lacan que a Freud. Nesse trabalho, identifica dois discursos: o discurso da honra e o discurso do interesse e do cálculo (que chama às vezes de mercantil). O primeiro se refere à fé, à palavra dada e à fidelidade, que determinam o valor subjetivo (dignidade) dos homens, ou seja, a palavra "livre" que desafia a morte,[14] o segundo revela a suspeita permanente (daí a necessidade de contratos), o cálculo, a palavra movida por interesses, que foge da morte no consumo e que determina o valor relativo dos bens. É nesse quadro teórico que ele acredita ser possível pensar as identificações coletivas, a lei, a instituição, a sujeição social e política. Nesse trabalho, C. Geffray não só re-qualifica suas pesquisas de campo como também recorre aos "clássicos" da antropologia, fazendo deles uma releitura instigante.[15] Seria necessário um

14. Ilustrada pelo exemplo dos guerreiros *yanomami*.

15. Ver, por exemplo, sua penetrante reinterpretação do *hau* Maori descrito anteriormente por Mauss e Sahlins.

espaço muito maior para tentar mostrar a riqueza desse livro complexo, cujo impacto teórico provocará com certeza numerosos debates.

Não podemos esquecer que C. Geffray fazia questão de transmitir suas reflexões e de debater publicamente suas interpretações. Entre muitas outras atividades didáticas, vale mencionar o seminário permanente do Centre de Recherche Africaine da École des Hautes Études en Sciences Sociales que ele animou, e o seminário realizado no Collège International de Philosophie, onde testou boa parte das teses contidas no seu último livro.

Cabe ressaltar ainda que nos últimos meses da sua vida C. Geffray estava se preparando para enfrentar um novo e considerável desafio: partir para Rwanda para tentar entender as causas profundas do genocídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEFFRAY, Christhian. 1990a. *Ni père, ni mère. Critique de la parenté:* le cas Makhuwa. Paris: Le Seuil.

______. 1990b. *La cause des armes au Mozambique:* anthropologie d'une guerre civile. Paris: Karthala-CREDU, 257p. [Tradução: *A causa das armas. Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique* (Porto: Afrontamento, 1991)].

______. 1992. La dette imaginaire des collecteurs de caoutchouc. *Cahiers des Sciences Humaines* 28(4):705-725.

______. 1995. *Chroniques de la servitude en Amazonie brésilienne. Essai sur l'exploitation paternaliste.* Paris: Karthala, 188p.

______. 1996. Le modèle de l'exploitation paternaliste. In: LÉNA, P.; GEFFRAY, C.; ARAÚJO, R. (Org.). L'oppression paternaliste au Brésil. *Lusotopie 1996*: 153-159. Paris: Karthala.

______. 1997. *Le nom du Maître.* Contribution à l'anthropologie analytique. Strasbourg: Arcanes.

______. 2000. État, richesse et criminels. In: SCHIRAY, M. (Ed.). Trafic de drogues et criminalités économiques. *Mondes en Développement,* 28(110): 15-30.